

Um leque notável de artistas joalheiros portugueses e estrangeiros reuniu-se em Lisboa e evidenciou a contemporaneidade da jóia enquanto arte



10
linha

FOTOGRAFIAS DE C. B. APAGÃO

JÓIAS únicas

Texto de Teresa Pearce de Azevedo

A joalheria contemporânea portuguesa, tal como o design, teve um começo tardio, ao contrário do que se passava internacionalmente. Hoje em dia dá claras mostras de vitalidade e de desenvolvimento. Lisboa foi palco, em Julho passado, de um evento notável que reuniu um leque de artistas joalheiros portugueses e estrangeiros de renome e que expõe com regularidade em galerias, museus e fundações de arte mundialmente conceituadas, estando muitos deles ligados ao ensino da Joalheria Contemporânea.

O X Simpósio Internacional de Joalheria Contemporânea

2005, ARS ORNATA EUROPEANA integrou conferências, «workshops» e duas grandes exposições: uma no Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA), cujo título foi «Mais perto. Intervenções a partir das colecções do MNAA» e outra no Museu do Design no Centro Cultural de Belém: «Habituação Nómada. Joalheria Contemporânea, intimidade e domínio público».

No caso do Museu de Arte Antiga, os artistas foram inspirados pela sua vasta colecção, criaram alfinetes e pendentos, corpetes, rosários, caixas, colares, braçais, anéis, pulseiras, pins, ornamentos de peito. Além de pe-



Ornamento de peito em prata, esmalte fotográfico e ónix (Zélia Nobre, 2005), à esquerda. Nesta página, «Jóias encontradas - 'Clara' com colar e com pendente» (Cristina Filipe e C.B. Aragão)



lã Mónica Gaspar comissariou a exposição do CCB.

A primeira edição do Simpósio Ars Ornata Europeia, organização fundada pelo Fórum Schmuck und Design, em Colónia, teve lugar em 1994. Propunha-se motivar o diálogo entre os vários grupos de joalheiros da Europa, comparando e estimulando ideias e experiências na área das artes plásticas. Em Lisboa, a proposta consistiu numa reflexão acerca da jóia, o seu lugar, a sua evolução, o seu papel no quotidiano, analisando a interacção entre a joalheria e outras disciplinas.

Na exposição do Museu de Arte Antiga lançou-se o desafio: a partir da belíssima e rara colecção deste museu, criar uma obra de arte contemporânea. Neste percurso houve intervenções a partir das colecções, na área da pintura, escultura, mobiliário, têxteis, cerâmica e joalheria. E é nessa medida que a jóia/obra de arte não pode ser dissociada do lugar e do contexto em que surge. É uma entidade individual que estabelece um diálogo com a referência à qual reporta. Foram 23 os participantes que criaram um diálogo interactivo com as colecções do

ças em suporte mais tradicional, também surgiram instalações, fotografias e intervenções menos convencionais.

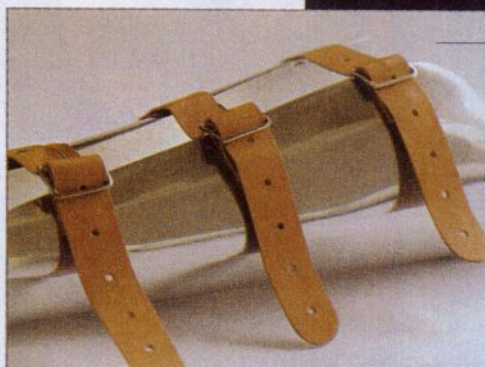
Organizado pela PIN, a recém-criada Associação Portuguesa de Joalheria, a mostra do MNAA foi comissariada por Cristina Filipe, Marília Maria Mira e Paula Paour, artistas joalheiras e fundadoras desta associação. O simpósio contou com a colaboração de várias instituições: MNAA, o Centro de Exposições do Centro Cultural de Belém e o Ar.Co — Centro de Arte e Comunicação Visual — uma referência no ensino da Joalheria em Portugal desde os anos 80. A historiadora de arte cata-



GARY SOMMERFELD

Pulseira Java la Grande, ouro ferro e plástico (Robert Baines, Austrália, 2005)

28 alfinetes em prata (Alexandra Serpa Pimentel, 2005)



Sabedoria, Força
Divindade, braçal em aço e couro com fivelas em metal níquelado (Leonor Hipólito, 2005)

museu, aumentando a ligação do passado para o presente. O resultado foi um conjunto diversificado de propostas do conceito de joalheria, espelhando a personalidade e a criatividade de cada autor/joalheiro. Tal como a joalheria contemporânea preconiza, os suportes são os mais variados: desde o tradicional metal até ao tecido, plástico, vídeo, fotografia, instalação...

Além da qualidade e arrojo das propostas apresentadas, há uma questão que não se pode ignorar: o papel do museu na actualidade, enquanto estrutura viva e aberta à modernidade. Dando provas de vitalidade, o MNAA abriu mais uma vez as portas à joalheria contemporânea portuguesa e internacional, cuja visibilidade internacional é crescente «na pesquisa de novos vocabulários», usando cada vez mais materiais diversificados, conjugando práticas tradicionais e processos tecnológicos recentes e inovadores.

Lisboa acolheu um evento que, além de trazer artistas com currículos notáveis, também veio contribuir para o desenvolvimento e divulgação da joalheria contemporânea, ao mesmo tempo que deu a conhecer o nosso riquíssimo património artístico e cultural. Entre as peças expostas havia algumas cuja leitura não era evidente para um olhar leigo. Mas, apesar das dificuldades que algum público possa ter sentido em captar a real dimensão da exposição, é sempre de louvar este tipo de iniciativas. Além de questionar o conceito de jóia e de dar respostas variadas, a iniciativa provou que as diferentes expressões artísticas não são compartimentos estanques. E fez mais: veio reforçar a enorme ligação, nem sempre bem entendida, entre a jóia e o corpo.

Democratizada e ligada ao quotidiano, a jóia mantém, contudo, uma aura carismática, festiva e mágica. ■



A Cruz de Santiago
revisitada, alfinete plexiglass (Ted Noten, 2005)

Autores-joalheiros presentes na exposição no MNAA:

PORTUGAL: Alexandra Serpa Pimentel, Tereza Seabra, Cristina Filipe, Ana Campos, Carla Castiajo, Diana Silva, João Martins, Leonor Hipólito, Manuela de Sousa, Marília Maria Mira, Nininha Guimarães dos Santos, Manuel Vilhena, Paula Crespo, Paula Paour, Zélia Nobre e Madalena Avellar e Stephan Maroschek. ESTRANGEIRO: Otto Kuenzli (Alemanha), Michael Rowe (Reino Unido), Robert Baines (Austrália), Ted Noten (Holanda), Tanel Venree (Estónia) e Noam Bem-Jacov (Holanda)